

RELAÇÕES DO SUJEITO (NÃO) LEITOR COM A LEITURA: REFLEXÕES A PARTIR DE GRACILIANO RAMOS

Isis da Silva Limas Damasio¹
Angélica Silvestre Pereira Ferreira²
Géssica Keila Cardoso Silva da Rosa³

Resumo: Esse trabalho aborda as inquietações sobre a questão da formação do sujeito leitor no contexto da escola pública brasileira. Toma como base a obra infância de Graciliano Ramos. Pretende-se refletir sobre as motivações que provocam aproximação e/ou distanciamento da criança/aluno da leitura. Com o resultado destaca-se o predomínio dos aspectos relacionados à forma e por quem é apresentada.

Introdução

As relações entre a leitura na escola e leitura(s) da escola representam um campo de tensões. Discussões a esse respeito apontam, quando se trata de pensar o suposto desinteresse dos alunos em relação aos livros e à leitura, a escolarização da leitura como um dos principais problemas. Ressalta-se também a aproximação entre as formas como a leitura é apresentada na escola e determinadas instâncias ideológicas. Identificam-se, especialmente, as instâncias jurídicas, econômicas e políticas. Na instância jurídica, destaca-se a questão da prática de leitura e interpretação e de como influenciam a constituição do sujeito-leitor. Na econômica, observa-se a questão do livro e da leitura na perspectiva do que “se pode vender, trocar, emprestar, guardar, acumular”. Em relação à instância política, esta entende a leitura enquanto “produção de sentidos por sujeitos e para sujeitos” (NUNES, 2003, p. 35).

Considera-se, assim, a necessidade de explicitação de como se constrói o discurso sobre o leitor, especialmente no contexto brasileiro, onde é recorrente o discurso da não leitura como expressão de negatividade e não da possibilidade de se pensar em outras modalidades de leituras.

A questão da leitura e do leitor na sociedade brasileira: a escola como lugar de aprender a ler

É recorrente, no contexto da sociedade brasileira, a ideia de que o brasileiro é um povo que não lê, ou pouco afeito à leitura. A leitura no Brasil se caracterizava, antes, como uma obrigação social do que uma leitura cultural. Em uma perspectiva histórica, a escola que aqui nasceu se caracterizava por ser “nada [...] de uma escola para instruir no conhecimento da época, [...] uma escola enquanto espaço de regeneração, de salvação e não de aprendizagem de um conhecimento já produzido [...]” (SILVA, 2015, p. 101).

Assim, as concepções que caracterizam a escola e seus papéis surgiram junto com o povo brasileiro, dispendo da escola como um espaço de regeneração. Embora reconhecida como lugar onde as aprendizagens ocorrem, assume, para o aluno, em boa parte dos casos, um caráter punitivo.

No que diz respeito a como a leitura tem sido contemplada pela produção acadêmica brasileira, um levantamento de publicações na modalidade de artigos científicos nos portais CAPES e SCIELO no período de janeiro a março do ano de 2018, localizou-se 738 artigos que faziam alusão à questão da leitura. Dentre esses, 23 abordavam especificamente questões relacionadas à leitura no

¹ FEBF/UERJ. E-mail: isissilvalimas@gmail.com.

² FEBF/UERJ.

³ FEBF/UERJ.

Brasil. No conjunto desses artigos, 11 tratam sobre a história da leitura; 10 sobre o ensino/aprendizagem da leitura, e dois (2) sobre documentos oficiais. As principais tendências que organizam as discussões dos artigos analisados foram agrupadas nos seguintes eixos: história da leitura, ensino/aprendizagem da leitura, análise de documentos oficiais sobre a leitura.

No conjunto dos 11 artigos que se referem à **história da leitura**, percebe-se que esta marca a história das possibilidades de ler e da consolidação da leitura como prática. Buscam compreender a constituição de campos de saber relacionados à leitura e da história de formação de leitores. Também abordam a maneira como a leitura viabiliza processos de transformação. Enfatizam a biblioteca como espaço para compreender as práticas de leitura no passado e o comportamento do leitor. Problematizam a relação entre cartilha de alfabetização e cultura escolar e seus desdobramentos na história da educação e da alfabetização no Brasil; a compreensão da história do ensino de leitura e escrita, e a problematização das relações entre literatura e ensino, de modo a discutir a importância da literatura literária na formação de leitores. Por fim, assinalam a questão das representações do livro como companheiro da mulher, os livros de romance (VALENENTE, 2016; KILIAN, CARDOSO, 2012; DENIPOTI, 2008; MORTATTI, 2000; LUCHESE, 2017; OLIVEIRA, TREVISAN, 2015; MORTATTI, 2014; MORAIS, 1998; DENIPOTI, 2007).

Nos 10 artigos que se ocupam da questão do **ensino/aprendizagem da leitura** observam-se reflexões sobre o ensino da leitura e alfabetização no Brasil, enfatizando as singularidades da escola brasileira, permeada pela oralidade. A leitura aparece como importante instrumento de formação social, bem como a necessidade de estratégias e recursos adequados para a prática leitora. Abordam questões e desafios educacionais sobre o ensino da leitura. Expõem, ainda, o vínculo que se estabelece entre o leitor e a leitura por intermédio do livro, apontando a biblioteca como um espaço de formação de novos leitores (BELINTANE, 2006; KRUG, 2015; RODRIGUES, 2011; ARRIADA, TAMBARA, DUARTE, 2015; TINOCO, 2014; NERY, STANISLAVSKI, 2011; GOULART, 2011; FROTA, 2014; TREVISAN, 2007).

Quanto à questão da **análise de documentos oficiais que tratam sobre a leitura**, os dois (2) artigos encontrados encaminharam a discussão a partir da problemática dos documentos oficiais. Apontam diferentes abordagens teóricas assim como o contexto histórico-social em que os documentos foram elaborados e analisam as orientações dos documentos em relação ao ensino da leitura e da linguagem escrita e oral (VIEIRA, 2008; GONTIJO, CAMPOS, 2014).

A análise do conjunto de artigos permitiu identificar uma acentuada tendência para tratar de assuntos relacionados aos acontecimentos que marcam a trajetória da leitura no Brasil, os espaços e procedimentos utilizados na constituição do sujeito leitor, assim como os debates e os obstáculos relacionados ao ensino da leitura. Pode-se perceber e ratificar que a leitura e seu ensino ainda permanece como uma questão inconclusa. Embora se reconheça o avanço nas discussões sobre o entendimento da importância social da leitura como um instrumento de promoção da cidadania, o estudo desse tema pode avançar. A esse respeito, chama a atenção o fato da produção acadêmica voltada, de forma mais específica, para os contextos brasileiros ainda ser um campo de investigação a ser melhor explorado.

Retomando-se as considerações sobre a função da escola na formação de sujeitos leitores, assinalam-se dois enfoques: o da leitura na escola e o da leitura da escola. Essa tarefa atribuída à escola, de ensinar a ler, implica considerar que antes de ser objeto da escola, a leitura é um objeto social e o aluno precisa perceber o seu significado funcional de uso (GARCIA; SILVA, 2009). Nessa perspectiva, o envolvimento dos professores e dos pais, torna-se essencial.

Em relação ao professor, este exerce um dos papéis principais na mediação do aluno com a leitura. Kleiman (2000, p. 15) assinala que: “a leitura se baseia no desejo e no prazer, não em uma atividade desagradável [...]”. Cabe acrescentar que, sobretudo, em se tratando da relação

que os alunos estabelecem com a leitura no contexto escolar nem sempre implicam experiências positivas. Em determinados casos, a leitura se torna agonizante. Para alguns, a leitura não é algo atraente e estimulante; pelo contrário, se torna um “desprazer” (GARCIA; SILVA, 2009).

A família também tem uma importância substancial na formação leitora do aluno, sendo um diferencial para a aprendizagem. A esse respeito Solé (1988) afirma “que [...] as experiências de leitura [...] no seio da família desempenham uma função importantíssima. [...] o fato de lerem para seus filhos relatos e histórias [...] parecem ter uma influência decisiva no desenvolvimento posterior destes com a leitura” (SOLÉ, 1988, p. 54).

Relações entre leitura e sociedade: reflexões a partir da obra infância, de Graciliano Ramos

Fatores socioculturais, relacionados à estrutura social, aos valores e ideologias, exercem forte influência sobre os modos de apresentação da obra literária. As discussões apontadas especificamente no livro *Infância*, de Graciliano Ramos, sobre a formação do leitor evidenciam um certo grau de letramento nas pessoas que conviviam com o autor (SILVA, 2004). As marcas deixadas pela infância em sua vida remontam à importância que tiveram em seu “modo de ser e escrever” especialmente em termos da aprendizagem dos sentidos que as palavras passariam a ter em sua vida.

O contexto histórico-cultural, “no interior do Nordeste, na passagem do século, tinha o acesso à leitura e à escrita bastante restrito [...]” (SILVA, 2004, p. 85). Foi por intermédio de sua mãe, “senhora agressiva e ranzinza” que materiais de leitura se tornaram “desinteressantes, inapropriados, objetos descontextualizados”. Porém, quem o iniciou na alfabetização foi seu pai, um “narrador severo, alfabetizador informal”, que merece destaque em sua formação de leitor, pois possibilitou-lhe construir, através das intervenções, a sua própria representação de leitura.

Assim, a conquista da leitura vai surgindo em etapas, ganhando “consistência” e significados antes imperceptíveis. Constata-se isso no seguinte trecho:

Eu precisava ler, não os compêndios escolares, insossos, mas aventuras, justiça, amor, vinganças, coisas até então desconhecidas. Em falta disso, agarrava-me a jornais e almanaques, decifrava as efemérides e anedotas das folhinhas (RAMOS apud SILVA, 2004, p. 113).

Entende-se assim, que os sentidos da leitura permitem mudanças significativas no processo de aquisição da leitura, como também a construção da escrita e, por conseguinte, a consolidação desse processo (SILVA, 2004).

Razões para ler e para não ler

Os dados aqui apresentados resultam de pesquisa qualitativa (BOGDAN; BIKLEN 1994), com abordagem exploratória, inspirada na análise documental (HELDER, 2006) realizada com o objetivo de refletir sobre as motivações que provocam a aproximação e/ou distanciamento da leitura. Tomam-se como foco de análise os capítulos “Escola” e “Leitura”, da obra *Infância* de Graciliano Ramos. Busca-se, a partir da análise desses capítulos, identificar os fatores aos quais o gosto pela leitura está associado. Como categorias de organização dos dados, foram propostas: para que ler?, com quem se aprende a ler, e onde e como se aprende a ler. Cada uma delas será apresentada a seguir.

✓ **Para que ler?**

As razões para ler indicadas nos capítulos Escola e Leitura referem-se fundamentalmente à visão utilitária da leitura, como um instrumento de poder, ao desejo de ler, e à relação entre domínio da leitura e a cartilha. Evidenciam:

Demorei a atenção nuns cadernos de capa enfeitada [...] semelhantes aos dos jornais e dos livros. Tive a ideia infeliz de abrir um desses folhetos, [...]. Meu pai tentou avivar-me a curiosidade valorizando com energia as linhas mal impressas, [...], antipáticas. [...].

[...] meu pai me perguntou se eu não desejava inteirar-me daquelas maravilhas, tornar-me um sujeito sabido como Padre João Inácio e o advogado Bento Américo. Respondi que não. Padre João Inácio me fazia medo, e o advogado Bento Américo [...] não me interessava. Meu pai insistiu em considerar esses dois homens como padrões e relacionou-os com as cartilhas da prateleira (RAMOS, 2015, p. 109-110).

Revela-se nos fragmentos acima, a escrita como um mistério. Representava uma forma de tornar-se um “sujeito sabido”. O excerto permite perceber também, o quanto o pai deseja que o filho se tornasse um sujeito leitor, para conquistar uma ascensão social, tomando como modelos o Padre e o Advogado. Essa associação entre as instâncias ideológicas da sociedade são, especialmente, a jurídica e a religiosa, marcas das representações da leitura no contexto brasileiro. (Cf. Nunes 2003)

✓ **Com quem se aprende a ler?**

Observa-se nos trechos abaixo, indicações referentes às pessoas que ensinam a ler. Dentre essas, as pessoas mais próximas, como os familiares, são consideradas importantes. Seguem-se aos familiares, a figura do professor como decisiva. Encontra-se a esse respeito:

Meu pai não tinha vocação para o ensino, mas quis meter-me o alfabeto na cabeça. Resisti, ele teimou — e o resultado foi um desastre. Cedo revelou impaciência e assustou-me. [...] vendo-o, calava-me. Minha mãe e minha irmã natural me protegeram: [...] forneceram-me as noções indispensáveis. [...] (RAMOS, 2015, p. 111).

[...] Lembrei-me do professor público, austero e cabeludo, [...] as barbas do professor eram imponentes, os músculos do professor deviam ser tremendos. [...] (RAMOS, 2015, p. 119).

Evidencia-se que as figuras familiares estão relacionadas à aprendizagem da leitura, no caso, o pai, a mãe e a irmã. Em seguida, a figura do professor é indicada como determinante no aprendizado. E como cada uma dessas figuras é apresentada traz as marcas afetivas dos sentidos atribuídos pela criança da aprendizagem. Em relação ao professor ficam evidentes as características físicas e de comportamento (RIBEIRO; RIBEIRO; BAPTISTA, 2013).

✓ **Onde e como se aprende a ler?**

Na perspectiva dos sentidos da escola, esta se apresenta como algo punitivo. Um lugar para onde se enviava os meninos que davam trabalho. Os capítulos analisados indicam, ainda, que a criança nem sempre entende o porquê precisa ir à escola. Destacam:

A notícia veio de supetão: iam meter-me na escola. [...] A escola, segundo informações dignas de crédito, era um lugar para onde se enviavam as crianças rebeldes. Eu me comportava direito: [...]. A escola era horrível — e eu não podia negá-la, como negara o inferno. Considerei a resolução de meus pais uma injustiça (RAMOS, 2015, p. 118).

Lavaram-me, esfregaram-me, pentearam-me, cortaram-me as unhas sujas de terra. E, [...], saí de casa, tão perturbado que não vi para onde me levavam [...] conduziram-me à rua da Palha, mas só mais tarde notei que me achava lá, numa sala pequena. [...] (RAMOS, 2015, p. 120).

Algumas vezes, toma a necessidade de ir à escola como um castigo dos pais. Também se percebe essa questão, sobretudo, em função dos rituais que acompanham a ida a escola, como comportamento adequado, higiene pessoal. Em termos de como se aprende, revela-se que a forma como a aprendizagem da leitura e da escrita é apresentada para o aluno, pode se tornar enfadonho e pouco significativo.

No âmbito do que se discute neste texto, cabe assinalar que os fatores familiares, socioculturais e pedagógicos, podem tornar-se positivos ou negativos na construção de sentidos e significados da leitura.

Para não concluir...

A análise da obra *Infância*, de Graciliano Ramos, em relação aos elementos aos quais a formação do sujeito leitor está associada, permite observar que estes estão associados às múltiplas instâncias da vida em sociedade - jurídica, econômica, política e religiosa. Nesse contexto, destacam-se, de modo atemporal e independente de contexto, como fatores decisivos: a maneira como a leitura é apresentada, por quem é apresentada e, onde e como se aprende a ler. Dentre esses, o professor se destaca.

Referências

ARRIADA, E; TAMBARA, A; DUARTE, S. A Sciencia do Bom Homem Ricardo: um texto de leitura escolar no Brasil Imperial. *História da Educação*, Santa Maria, v. 19, n. 46, p. 243-259, ago. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-34592015000200243&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 de jul. de 2018.

BELINTANE, C. Leitura e alfabetização no Brasil: uma busca para além da polarização. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 261-277, maio/ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022006000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 de jul. 2018.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora, 1994.

DENIPOTI, C. Decência imperial, silêncio republicano: normas e gestualidades da leitura em regimentos e estatutos de bibliotecas (1821-1918). *Varia História* [online], Belo Horizonte, v. 23, n. 38, p. 597-614, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752007000200020&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 de jul. 2018

FROTA, M. G. C. Biblioteca pública: espaço de formação da opinião pública?. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 19, número especial, p. 79-94, out./dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362014000500008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 de jul. 2018.

GARCIA, S.; SILVA, A. A criança, o livro e o gosto pela leitura. *Revista Olho d'água*, São José do Rio Preto/ SP, v. 1, n. 1, p. 9-16, 2009.

GONTIJO, C. M. M. CAMPOS, D. Bases nacionais para o ensino da leitura e da linguagem na escola primária (1949). *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 57, p. 307-328, abr./jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782014000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 de jul. 2018.

GOULART, I. C. V. O livro nas memórias de leitura. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 32, n. 115, p. 567-582, abr./jun. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302011000200018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 de jul. 2018.

HELDER, R. F. *Como fazer análise documental*. Porto: Universidade de Algarve, 2006

KILIAN, C.; CARDOSO, R. M. Práticas de leitura literária: os casos de França e Brasil. In: SIMPÓSIO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO: APRENDER E EMPREENDER NA EDUCAÇÃO E NA CIÊNCIA, 16, 2012, Santa Maria. *Anais...* Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2012. p. 1-10. Disponível em: <<http://www.unifra.br/eventos/sepe2012/Trabalhos/5338.pdf>>. Acesso em: 23 de mar. 2018.

KLEIMAN, Â. *Oficina da leitura: teoria e prática*. São Paulo: Fontes, 2000.

KRUG, F. S. A importância da leitura na formação do leitor. *Revista de Educação do IDEAU*. v. 10, n. 22, jul./dez. 2015.

LUCHESE, T. A. Da Itália ao Brasil: indícios da produção, circulação e consumo de livros de leitura (1875-1945). *História da Educação*, Santa Maria, v. 21, n. 51, p. 123-142, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-34592017000100123&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 de jul. 2018.

MORAIS, M. A. C. A leitura de romances no século XIX. *Caderno CEDES*, Campinas, v. 19, n. 45, p. 71-85, jul. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 de jul. 2018.

MORTATTI, M. R. L. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular. *Caderno CEDES*, Campinas, v. 20, n. 52, p. 41-54, nov. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622000000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 de jul. 2018.

MORTATTI, M. R. L. Na história do ensino da literatura no Brasil: problemas e possibilidades para o século XXI. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 52, p. 23-43, abr./jun. 2014. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602014000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 de jul. 2018

NERY, A. C. B. STANISLAVSKI, C. F. A civilização no meio rural: o livro de leitura como instrumento modernizador. *História da Educação*, Porto Alegre, v. 15, n. 35, p. 100-126, set./dez. 2011.

NUNES, L. R (2003). Linguagem e Comunicação. Alternativa: Uma introdução. Em L. R. Nunes (Org). *Favorecendo o desenvolvimento da comunicação em crianças e jovens com necessidade educacionais especiais* (p. 1-13). Rio de Janeiro: Dunya.

OLIVEIRA, F. R; TREVISAN, T. A. Medidas de controle da circulação do livro didático para o ensino de leitura e escrita em São Paulo: atuação da comissão revisora de 1918. *História da Educação* [online]. Porto Alegre, v. 19, n. 45, p. 103-125, jan./abr. 2015.

RAMOS, G. *Infância*. 48 ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

RIBEIRO, A.; RIBEIRO, A.; BAPTISTA, A. O alfabetizador como referência para a constituição da profissionalidade docente em alfabetização. *Revista da Faculdade de Educação-UFG*, Goiânia/GO, v. 38, n. 3, p. 695-710, 2013.

RODRIGUES, E. G. Política de educação bilíngue e a alfabetização de crianças surdas. *Pró-Discende*, Vitória, v. 17, n. 1, p. 87-91, jan./jun. 2011.

SILVA, M. *Infância, de Graciliano Ramos: uma história da formação do leitor no Brasil*. 2004. 196f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2004.

SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. Trad. Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

TINOCO, R. C. A intrincada leitura de literatura - um novo processo socioeducacional de conhecimento. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 52, p. 121-136, abr./jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602014000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 de jul. 2018.

TREVISAN, A. *Desenhando, lendo e escrevendo: uma proposta metodológica de alfabetizar*. 2007. 201p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

VALENTE, W. R. Métodos para a leitura, métodos para o contar? Contribuição para a história da educação matemática nos anos iniciais escolares, 1890-1930. *PERSPECTIVA*, Florianópolis, v. 34, n. 1, p. 67-84, jan./abr. 2016.

VIEIRA, A. Formação de leitores de literatura na escola brasileira: caminhadas e labirintos. *Caderno de Pesquisa*. São Paulo, v. 38, n. 134, p. 441 - 458, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742008000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 de jul. 2018.